58/10/11
O Estado de São Paulo
Supl. Literário
e.1

SBH
Pç 164 PJG
65

EX-LIBRIS
O ESTADO DE S. PAULO

Supl
11-10-58
ANO TERCEIRO / NUMERO 102

Doce baylo de mourisca

SERGIO BUARQUE DE HOLANDA

Se houve monarca que deixasse a memoria vinculada a predileções muçulmanas foi com certeza D. Manuel, observa Costa Lobo em sua admiravel **Historia da Sociedade Portuguesa no Seculo XV.** E acrescenta: "O caprichoso da fantasia oriental inspirou o estilo de sua graciosa arquitetura: é dificil conceber que em muitos edificios que dão brilho ao seu reinado, como em Cintra, e em Évora, não laborassem obreiros mouros".

Certas passagens de Damião de Gois especialmente parecem atestar essas preferencias orientais do venturoso monarca. Aquelas, especialmente, onde há noticias dos seus musicos mouriscos a cantar e tanger com alaudes e pandeiros, ao som dos quais, e assim de charamelas, harpas, rebecas e tamborins, dançavam os moços fidalgos durante o jantar e a ceia. E seria inevitavel querer associar tal espetaculo ao outro, de que também trata o cronista, ao lembrar como D. Manuel é o primeiro rei cristão da Europa a quem foram mandados elefantes da India, dos quais havia cinco, quatro machos e uma femea, que, quando cavalgava ou caminhava nas ruas, iam diante dele. Precedia-os, a larga distancia, um rinoceronte, levando sobre as ancas um caçador, também persa, com a pantera que lhe tinha mandado o rei de Ormuz. A qual pantera, além de um elefante, seriam depois enviados a Sua Santidade Leão X.

Apenas conviria bem distinguir entre o significado diverso das duas cenas: de uma, em que podia comprazer-se um soberano amigo da pompa, cujos portentos comprazia-se, assim, em fazer desfilar entre os "atabales e trombetas", inseparaveis das mesmas andanças, além de naturalmente afeiçoado a coisas e costumes do Oriente, tanto que não duvidaria, talvez, á maneira de Frederico II Imperador e de Afonso I o Sabio de Castela, também Imperador, ou quase, em dar-lhes ainda maior realce em sua Côrte e Reino, se a tanto não se opusessem motivos particulares e poderosas razões de Estado: de outra, a dos musicos mouriscos, intimamente associada, esta, á vida diaria da gente lusitana.

Musicos e musicas, assim como danças e "voltas" de fundo mouro, eram, com efeito, largamente familiares a Portugal, como, aliás, a toda a peninsula iberica, e sua presença no Paço não deveria surpreender mais a um publico avezado a elas do que, por exemplo, a dos chocarreiros castelhanos, com seus motes e dichotes, os quais também divertiam a el rei, segundo refere o cronista.

A graça mole e suave daquelas melodias deveria infundir então aos espectadores alguma coisa do fascinio quase entorpecente que, passados os seculos, William Beckford irá descobrir nos ritmos e toadas dos lundus luso-brasileiros, levados a Lisboa pelo nosso Caldas Barbosa. De certo Diogo de Pedrosa, por exemplo, que se mostrara constantemente refratario ás prisões de amor e no entanto, deixaria subitamente sua esquivança só com o ver bailar a filha de Fernão da Silveira, coudel mor ao tempo de D. João II, sabe-se que foi de fato enfeitiçado pelos dengues de uma dança moura. Di-lo e dá a causa de tamanha alteração o proprio coudel, nuns versos preservados no Cancioneiro de Garcia de Rezende, por onde se recusa a tê-lo como seu genro:

Doce baylo de mourisca
mil sentidos faz perder
e lá mete hua tal trisca
que é muy ma de guarecer.

E não obstante o odio inspirado em geral pelos sectarios de Mafoma, a verdade é que o aferro ás suas danças chegou não raro a ganhar certo cunho oficial e a imiscuir-se até entre cerimonias cristãs, segundo pode atestá-lo, entre outros, um regimento da procissão do Corpo de Deus feito em Coimbra no ano de 1517, lembrado por Fortunato de Almeida. Nele se determina que os sapateiros da cidade deveriam apresentar na dita procissão uma dança mourisca "em que vão moças honestas, de boa fama e mourisqua bem feita domens, que o bem saibam fazer, com boas camisas, e huma bandeira rica, e hum tamboril, ou gaita, e ham de ir apoz os alfaiates, e surradores, e hamde ser sete moiros afora o Rey". E habitos semelhantes se reproduziriam no Brasil durante o periodo colonial e mais tarde.

Os bailes mouriscos pareciam, aliás, indispensaveis em todas as festas, religiosas ou profanas, que se faziam em Portugal durante a mesma epoca. Nas recepções ao cardeal Alexandrino, que em 1571 fora ao Reino em missão pontificia, elas começam a surgir já em Elvas, segundo a relacão que de sua visita publicou Herculano. A' entrada de Évora, foi também ao encontro do Legado um par de mancebos trajados de verde, dançando á mourisca e com o acompanhamento de pandeiros. E ainda quando descia o Tejo para Lisboa, saiam ao seu encontro barcas variamente pintadas e adornadas, nas quais se ouviam pifaros, trombetas, adufes, timbales e outros instrumentos, com cantares e bailarinos á mourisca, os quais dançavam com garbo.

Seu canto não parece ter agradado vivamente á gente do cardeal ou, pelo menos, ao cronista de sua viagem, se nesse sentido for interpretado o passo onde o compara ao dos judeus nas suas sinagogas. De qualquer modo, e graças, talvez, á ascendencia ganha em toda a Europa pelos espanhois, principalmente ao tempo de Carlos V e dos Filipes, as varias modalidades de danças mouriscas não demorariam em transpor os Pirineus, chegando mesmo á Inglaterra, onde, como indicio de sua origem, assinalou Pfandl o costume preservado longamente pelos bailarinos, de bronzearem as proprias faces, o que lhes dava a côr ferrenha peculiar a muitos sarracenos.

E' bem de crer que em muito maior numero atravessaram o Oceano, trazidas pelos primeiros colonos, e, implantando-se entre nós, deixaram aqui reminiscencias que ainda perduram, como é o caso da **zambra,** dança tipicamente moura, que alcançou a America Espanhola e o Brasil, tornando-se, porventura, o remoto antepassado de nosso atual samba. Este, conquanto não falte ainda hoje quem se esforce por discernir-lhe a origem — origem do nome, quando menos — neste ou naquele radical bantu, há muitas probabilidades de que, no nome, tanto quanto em algumas caracteristicas coreograficas, tais como se manifestam, por exemplo, em certos meios rurais paulistas, ou em diversos lugares da America Espanhola, provenha, não de Angola, ou do Congo, mas antes da chamada Africa branca.